

LEITURA(S), RESTRITA(S), QUE QUER(IAM) GRITAR/DIZER/SER MAIS: O QUE (NÃO) ESCUTA A UNIVERSIDADE?

Aline Regina Alves de Moura (Bolsista IC - Capes/INEP – UFRN)

RESUMO

Este trabalho visa a analisar as memórias de leituras escolares de professores em formação inicial. Considerando a relevância da trajetória intelectual do professor para suas práticas educacionais e o quanto ainda se faz necessário à universidade fomentar a escuta daqueles que forma, pesquisamos acerca das histórias de leitura na infância escolar. Buscamos pontos que licenciandos consideram pertinentes para sua atuação como formador de leitores nos primeiros anos da escolaridade. Para isso, analisamos a escrita ensaística de uma licencianda em pedagogia em situação de formação inicial. O ensaio foi escrito como parte das atividades do projeto a que está vinculada, que visa desenvolver um quadro orientador da leitura na escola e retoma suas histórias de letramento na infância. Nossa análise retomará a *leitura* como interação e modo de construção do mundo (Solé, 2003; Mortatti, 2004; Amarilha, 2006). E, nesse sentido, o ensaio, como texto memorialístico, contém fragmentos importantes dos espaçotempo das memórias de leitura - o contexto adverso de leitura no ambiente familiar, os mediadores de leitura, as primeiras incursões letradas - considerados aspectos pouco prestigiados na formação acadêmica e elementos potenciais para repensar suas leituras do mundo e, ao mesmo tempo, sua atuação na formação de leitores. (CAPES/INEP - Observatório da Educação - Ed.038/10 - UFRN: CE-PPGED/CCHLA-PPGEL/CCET-PPGECNM - 2011-14|Grupo CONTAR).

Palavras-chave: Práticas de leitura; Trajetórias de leitura; Formação Docente.

LEITURA(S), RESTRITA(S), QUE QUER(IAM) GRITAR/DIZER/SER MAIS: O QUE (NÃO) ESCUTA A UNIVERSIDADE?¹

Aline Regina Alves de Moura (Bolsista IC - Capes/INEP – UFRN)

Considerando as possibilidades que a leitura e a literatura exercem na vida de um indivíduo, como nos lembra Morin (2009), quando defende o ensino da condição humana², “É, pois, na literatura que o ensino [...] pode adquirir forma vivida e ativa, para esclarecer cada um sobre sua própria vida” (MORIN, 2009, p. 49), este ensaio pretende apresentar reflexões acerca de nossas experiências a respeito da leitura ao longo da escolaridade, para tal propósito recorreremos à algumas memórias de nossos momentos de formação escolar desde os anos iniciais do ensino fundamental até nossa formação docente inicial.

A atual condição de pedagoga, a chegada ao curso em uma universidade pública, talvez tenham sido acontecimentos e escolhas condicionados à nossa trajetória de vida, cujas marcas se entrelaçam com as aprendizagens escolares, vivências com os primeiros professores com as letras, arrependimentos, disto estão carregadas nossas memórias aqui retratadas.

Desde as primeiras séries do ensino fundamental, hoje denominadas anos iniciais, podemos destacar no contexto de nossa formação que é relevante retomar um pouco de minha história enquanto aluna dos anos iniciais. Assim, é possível lembrar que comecei a aprender, sistematicamente, *as primeiras letras*, aos oito anos de idade, quando iniciei os estudos na Escola Estadual Professora Rosa Cunha no município Touros-RN em Santa Luzia³. Era uma escola modesta, havia três salas de aula, a direção e um pequeno pátio logo na entrada. A iniciação escolar fez-me não só “encantosamente” desvendar os segredos que se escondiam por entre as letras, mas vislumbrar um outro espaço: *para além* dos muitos quintais das casas da família.

Minha família, em sua maioria, não teve acesso à alfabetização escolar. Muitos deles faziam suas *lições* no empunhar das enxadas e no debulhar dos feijões para alimentação da humilde família por volta de treze pessoas. Estranhamente ao novo mundo que adentrara as pessoas de casa não liam. Minha avó, Terezinha, mal aprendera assinar seu nome. Portanto, minhas vivências com livros, revistas, e leituras eram *infrequentes*. Mais raro ainda observar alguém lendo, desta forma, meu contexto familiar, diferente das plantações de feijão, batata e macaxeira, era pouco fecundo para

¹ Este trabalho conta com o financiamento do Observatório da Educação – Capes/INEP. Ed. 038/2010 e se insere no projeto “Leitura e escrita: recortes inter e multidisciplinares no ensino de matemática e de língua portuguesa”. Grupo de estudos CONTAR – Centro de Educação / PPGED/PPGEL/PPGECNM – Propesq. A orientadora deste texto foi a profa. Dra. Tatyana Mabel Nobre Barbosa (UFRN – PPGED – CE/DPEC, Bolsista de Pesquisa Capes-INEP). A escrita deste ensaio fez parte das atividades do projeto que visa a auto-reflexão dos professores e licenciandos acerca dos sentidos em seus espaço-tempo atribuídos à leitura. Para o projeto essa escuta é relevante para que se formem como efetivos formadores de leitores e possam melhor refletir sobre sua prática docente.

² Aprofundar leitura acerca da condição humana no livro *A cabeça bem-feita* em referência ao final deste trabalho.

³ Nesta comunidade rural a atividade econômica principal das famílias, entre elas a minha, até os dias atuais, é agricultura com destaque para o plantio, coleta e comercialização de coco, farinha de mandioca e banana.

que eu desenvolvesse a leitura e a escrita. Os primeiros passos nessa direção germinariam mesmo com minha chegada à escola.

Gravíssima, a ausência, de leituras e de leitores, ao redor de meu contexto familiar faz-me perceber a importância da escola e seu papel na formação de leitores, pois “não são poucas as crianças que realmente precisam da escola para ter um contato com livros e com leitores”. (FERREIRO, 2007, p. 6).

Meu aprendizado acadêmico, sobre o ensino da língua portuguesa, permite-me dizer que para formar e *encantar* o leitor iniciante é preciso que este aprenda *vendo*, ouvindo e praticando leituras a partir da observação de mediadores que realizem prazerosamente diversas e divertidas leituras, (FERREIRO, 2007, p. 5), desvendando assim, para o leitor, as maravilhas que o universo da leitura é capaz de propiciar. Pois, para ensinar a ler, antes é preciso encantar e desvendar o mundo da leitura...

Alfabetização: experiências de encantamento com as letras e com a professora

Era uma classe de 2ª série, na qual as carteiras eram como bancos de igreja, de madeira pesada, graúda e havia lugar partilhado para dois alunos, ficavam distribuídas em fileiras. Nelas foram realizadas as primeiras lições dadas pela professora (carinhosamente chamada de Dona Lalinha - diminutivo de Eulália). Lembro-me das atividades que visavam copiar do quadro as letras que ela escrevia, em seguida passava em cada carteira observando quem havia feito a lição e “dando visto” no caderno. Tinha minha professora como uma pessoa especial, a qual era recoberta com uma espécie de áurea de sabedoria que me fazia pensar que tudo neste mundo sobre o que eu quisesse saber ela poderia me responder...

No contexto, das experiências de ensino que vivi, na década de 1990, estas eram fortemente fundamentadas no método fonético o qual consistia em o aluno aprender primeiro as letras e sílabas, seus sons e, posteriormente as palavras e frases, com destaque para o reconhecimento das famílias silábicas (BRASIL, 1997).

No ensino das primeiras letras, as vogais, havia uma “musiquinha” a qual sempre cantava nas aulas. Lembrei-me de um trecho dela:

“Sobe, desce e pinga, seu nome eu já li.
Que letrinha é essa ô maninha?!
I (hi), i (hi), i(hi)!”

Também havia outra para o alfabeto completo⁴, desta canção lembro bem o ritmo, ela é cantada a partir da pronúncia do próprio nome das letras. Nesta ordem:

“A, B, C, D
E, F, G
H, I, J, L,
M, N, O, P, Q
R, S, T
U, V, X

⁴O curioso é que as demais letras (K, Y, e W) não apareciam nas “primeiras lições”, provavelmente por não fazerem parte, oficialmente do nosso sistema alfabético brasileiro, isso ocorreu com a reforma ortográfica a partir de 2009.

Só falta a letra Z pra o alfabeto eu aprender!”

Era encantador quando alegremente cantava e escrevia o nome das letras, pois a mestra Lalinha emocionava-me ao ensiná-las por meio das músicas e isso me possibilita afirmar que aprender através de ritmos sonoros pode ser algo prazeroso. Apesar dessa afirmação, o trabalho com relação ao ensino da leitura, era parco o que considero, de fato, acabou empobrecendo minhas aprendizagens linguísticas.

Conforme nos demonstra Weisz e Sanchez (2002, p. 58) no ensino dos processos de leitura e escrita há predominância das concepções subjacente à pedagogia tradicional, cuja prática é empirista e que concebe aquelas duas ações de linguagem, como códigos. Portanto, deste ponto de vista, o “[...] processo de ensino é caracterizado por um investimento na cópia, na escrita sob ditado, na memorização pura e simples, na utilização da memória de curto prazo para reconhecimento das famílias silábicas [...]”.

Desta forma, dei-me conta que fui alfabetizada nesses moldes e que talvez tenha sido de igual forma o ensino que desenvolvi no estágio obrigatório no curso de pedagogia⁵, pois quando me deparava lá estava eu: copiando no quadro, contanto as letras e as sílabas das palavras com a turma. Terá sido uma metodologia válida?

No ensino tradicionalista, como era de se esperar, só mais tarde, depois de aprendido todo o alfabeto, é que passávamos a juntar as sílabas. No quadro a professora ensinava as *famílias silábicas* das consoantes, após escrever, com uma vereta nas mãos, ela perguntava: - um B com A?! E nós alunos respondíamos: BA! E assim, seguia-se por toda a manhã com as demais famílias. Exercícios de tracejado, cobrir, ziguezaguear e repetir a grafia das letras, em caderninhos de caligrafia, eram comuns e recorrentes também. Conhecidas todas as famílias do alfabeto, era hora de uma atividade, da qual gostava bastante, que consistia em exercícios de leitura por meio do livro didático, nele não havia exercícios de cobrir, mas pequenos textos, dos quais recordo-me bem de frases curtas que apareciam acompanhadas por gravuras:

“O DADO É DO DEDÉ
O DEDO DO DEDÉ DÓI”

Apesar de algumas pesquisas (FERREIRO, 2007; MORTATTI, 2004 et al.) lançarem críticas aos métodos tradicionais de ensino, para mim ele tinha seus encantos, talvez fosse pela forma carinhosa que D. Lalinha conduzia os ensinamentos, pois sentia vontade de ir a escola aprender mais e mais! Para mim ela sempre sabia tudo, queria fazer perguntas sobre qualquer coisa. Quando começava a aula eu observava nela cada detalhe, a voz, os gestos, a fala, era tudo tão bom!

Tais vivências permitem-me lançar um olhar de entendimento, de apropriação sobre as formas ou métodos com os quais se podem alfabetizar, o que é uma das especificidades do pedagogo. Aprofundar também nas questões da quais descreve Trindade (2010) sobre o método de bricolagem em que é possível usar metodologias “tradicionais”, desde que consciente, o estudo das estruturas linguísticas, por exemplo, faça sentido e haja um espaço propício para o avanço do aluno na aquisição da linguagem escrita, há de se possibilitar espaço(s) de leitura(s) prazerosa(s) e significativa(s) aos que dela(s) participam: tanto professores quanto alunos, pois ambos podem redescobrir, assim como eu, as possibilidades da leitura.

⁵Ocorreu em escola pública de Natal/RN no decorrer do semestre de 2011.1, em uma turma de primeiro ano, com a colega Paula de Oliveira Neves a quem homenageio pelas preciosas trocas de experiências e aprendizagens.

Devorando um saboroso mundo

É emocionante e curioso rememorar a alegria que era descobrir aos poucos que juntando as relações entre a escrita, por meio das letras, têm com os sons que saem de nossas bocas! Lembro-me dos expressivos sorrisos que com vontade saltitavam de mim ao aprender: que as letras D e A juntas representavam o som que saía da minha boca - /d/a/ e que quando “juntava” com D e O podia ler: DADO! Foi simplesmente fantástico!

Em nossas carteiras tínhamos que, de pé, ler em voz alta para toda a turma o texto do DADO DO DEDÉ. Para mim era o máximo exibir, com frondoso sorriso nos lábios, a mais nova habilidade que acabara de adquirir! Queria mostrar a todos que já conseguia ler. E nas muitas viagens à capital, Natal, brincava de ler tudo o que via pela frente: placas das lojas, cartazes, outdoors, etc. Assim, explorava o mundo rico das letras, mesmo que sendo em contextos extraescolares, pois é no meio social que percebemos os usos e funções da escrita (MORTATTI, 2004).

Algumas lições de leitura, referentes a dois textos literários, ficaram marcados em minha memória: o poema: A chácara do Chico Bolacha (Cecília Meireles) e a fábula: A Galinha dos ovos de ouro (Esopo) os quais eu devorava por diversas vezes ao longo do dia, pois os considerava por demais engraçado e triste, respectivamente. Lia e relia, alegremente, encantando-me com as palavras engraçadas que o texto contava-me...

Aproximações e distanciamentos do ler... Boas notas, escassas leituras

Os escassos poemas e fábulas que li davam-me momentos de prazer e fruição os quais alegremente desfrutava. Todavia, estagnei nessas e outras poucas leituras. Apesar da meiguice de minha professora e de ler haver no livro didático textos literários que poderiam ser explorados, esporadicamente fizera muitas leituras deles em sala de aula, o que nos demonstraria e alimentaria o prazer.

Cursei a terceira série na Escola Estadual José Porto Filho, situada em Rio do Fogo/RN, quando, já aos dez anos, deixei de morar com minha avó materna e voltei ao colo e cuidados de minha genitora. O contexto do novo espaço escolar mudara pouco - não havia biblioteca - apesar das boas notas que a disciplina de língua portuguesa proporcionara. Outra vez, eram escassas as leituras de fato. Isto tornara incipiente o desenvolvimento competente desse processo, dado que “como ocorrem com outras aprendizagens não se realiza de um dia para outro, nem se consegue o domínio de uma vez para sempre” (SOLÉ, 2003, p. 67).

Minha nova professora, D. Mundica, era exigente, rigorosa e às vezes mal humorada, ensinava-me sobre sujeito, adjetivos, orações gramaticais. Não guardo nenhuma recordação dela realizando leitura em sala de aula. Sua metodologia estava permeada por muita cópia no quadro, pouca leitura (restrita aos conteúdos gramaticais contidos nos livros didáticos), desuso da literatura. Apesar do jeito carrancudo da minha nova professora, havia em mim ainda um apressado pelo ensinar, talvez vivesse ainda em mim resquícios da figura doce de D. Lalinha, a qual inspirava-me a brincar de escola em casa com as amiguinhas.

Já no ano seguinte havia um professor do qual o nome não me recordo, mas de uma coisa lembro bem: a forma como estimulava seus alunos a escrever. Ele nos

solicitava redações e mais redações. E, sempre falava que deveríamos encher de detalhes o texto da redação. E ao falar isso eu fitava os meus olhos para ele por alguns minutos tentando entender como faria o que ele pedira. – “Então será preciso escrever cada detalhe professor?! Até mesmo as bolinhas que havia no meu biquíni quando estava jogando?!”(perguntava eu). E ele sorria dizendo que sim. É possível que isso influencie até hoje a forma como escrevo.

Com a mudança de cidade veio também um presente, minha mãe deu-me um quadro escolar, com isso comecei a brincar de ser professora, e o ofício lúdico, rendeu-me uma aluna particular tive a oportunidade ensinar à minha vizinha. Janaina aprendeu as primeiras letras comigo, em minha casa. Ensinava-lhe as vogais, as consoantes e por último as sílabas. Além de ditados de palavras. Exerci a função de professora. Seria possível que nessa situação usei a mesma forma com a qual fui sendo alfabetizada?

Enquanto aluna do Ensino Médio tive a oportunidade de ensinar um primo, que tinha necessidades especiais, por meio de exercícios para cobrir letras tracejadas, primeiro as vogais, minha prática “docente” se repetia...

Conforme sonhara um dia passei a morar em Natal/RN, em 2000, com minha avó paterna. E, após a última etapa do hoje Ensino Básico, como de fato, ao longo de minha escolarização não me saíra bem com a matemática optei por um curso que exigisse pouco dessa matéria, uma vez que me sentia insegura com relação aos números. Decidi prestar um segundo exame de seleção: desta vez para pedagogia na Universidade a qual sou vinculada hoje. Um segundo motivo foi à baixa concorrência no processo seletivo. Com contexto acadêmico, a partir de 2008, a leitura começou a fazer parte, constantemente, da minha vida.

As experiências pelas quais passei, ao longo da infância, adolescência de certa forma prenunciou meus passos e caminhos ao longo de minha trajetória de vida e iniciação profissional.

Ao chegar à universidade me deparei com muito(s) textos, era um universo no qual não *me reconhecia muito bem*. Senti-me um pouco perdida, uma vez que a leitura deixara de ser prática constantemente. Todas as disciplinas cobravam leituras intensas. Porém, aos poucos, fui me adaptando ao novo mundo. Relembrando as primeiras disciplinas, elas foram me convidando a “mergulhar” no curso, que discutiam e apresentavam ideias dentre as questões que iam surgindo como o que é aprender? Como se aprende? O que é educação? Como ela surge? Hoje percebo o quanto esses primeiros questionamentos, a partir das disciplinas, foram impactantes para pensar e assumir minha profissão enquanto professora.

Na academia um dos primeiros aprendizados foi redescobrir *o prazer em ler*, apesar dos textos fundamentais do curso não serem literários como indica em seus estudos Amarília (2006), fui construindo afeição pelos textos acadêmicos. A prática que fora motivo de tanta alegria e descoberta na infância fora retomada: a busca pela leitura se enveredava por trilhas que contribuísse com conhecimentos à vida, não somente com intuito de aprender conteúdos acadêmicos, os quais possuem certo grau mecânico, o qual a universidade, por meio dos trabalhos, exige.

Para (in)concluir

De posse destes momentos vividos, com a leitura e com a escrita, permito-me afirmar que o ensino que pretende ampliar as capacidades e possibilidades, que o ato de ler potencializa, deveria priorizar o trabalho com textos literários. Aproveitar o desejo

infantil pela leitura de contos, poemas, fábulas, poesias, histórias (SOLÉ, 2003, p. 73), seria um dos caminhos. Hoje, após leituras durante a minha formação inicial, percebo o quanto esse procedimento é importante para despertar, motivar, incentivar de forma prazerosa o leitor infantil em formação inicial a de alguma forma ler. Esta constatação pode ser o limiar, de hoje em diante, rumo a uma prática alargada daquela que desempenhei durante o estágio obrigatório.

Penso que, se um trabalho sistematizado com os textos literários tivesse sido cultivado, talvez o meu interesse fosse maior com relação à leitura, pois raras vezes fora estimulada a ler, além das horas dos exercícios escolares que aqui relatara. Uma alfabetização sem muitas leituras de textos reais fraquejou a faísca que como leitora iniciante acabara acender. Não fosse a academia reviver o desejo pela “linguagem” da leitura, como uma professora de português ensinará seus alunos o prazer da leitura de textos?!

Meu desejo é de que, em minha história, queria que tivessem sido mais recorrentes e abundantes as leituras, mas em sendo ínfimas foram relevantes, pois foram elas as que ressurgiram nas lembranças e na memória acionadas para o ato da escrita deste trabalho, revelando assim, seu papel fundante na construção da história de vida das pessoas.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. 7ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. In: **Memorial acadêmico: gênero, injunção institucional, sedução autobiográfica.** BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre; PASSEGGI, Maria da Conceição (Orgs.). Natal, RN: EDUFRN, 2011. 264p. (Coleção pesquisa (Auto)Biográfica ∞ Educação) Serie Escritas de Si.

BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre; CÂRAMA, Sandra C. Xavier da; PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais de formação e ensaios autobiográficos tecidos com laços intergeracionais. In: **Memórias e memoriais: pesquisas e formação docente.** BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre; PASSEGGI, Maria da Conceição (Orgs.). Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. 286p. (Coleção pesquisa (auto)Biográfica ∞ Educação).

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. Equipe Pedagógica do Programa de Formação de Professores Alfabetizadoras/PROFA. **Documento de Apresentação.** Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1997. Equipe Interlegis. **Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa.** Disponível em: <<http://www.interlegis.gov.br>>. Acesso em 30 de julho de 2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 16 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESPE, 2004

SOLE, Isabel. Leitura em Educação Infantil? Sim, obrigada! In.: TEBEROSKY, Ana [et. al]. **Compreensão da leitura**: a língua como procedimento. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TRINDADE, Iole Faviero. Não há como alfabetizar sem método. In: ZEN, Maria Isabel H. Dalla; XAVIER, Maria Luisa M. (orgs). **Alfabetizar**: fundamentos e práticas. Porto Alegre: Mediação, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Tradução de Jeferson Luiz Camargo. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WEIZ, Telma; SANCHEZ, Ana. As ideias, concepções e teorias que sustentam a prática de qualquer professor, mesmo quando eles não têm consciência delas. In: _____. **O diálogo entre ensino e a aprendizagem**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2002. p. 55-63. (Série: Palavra de Professor).